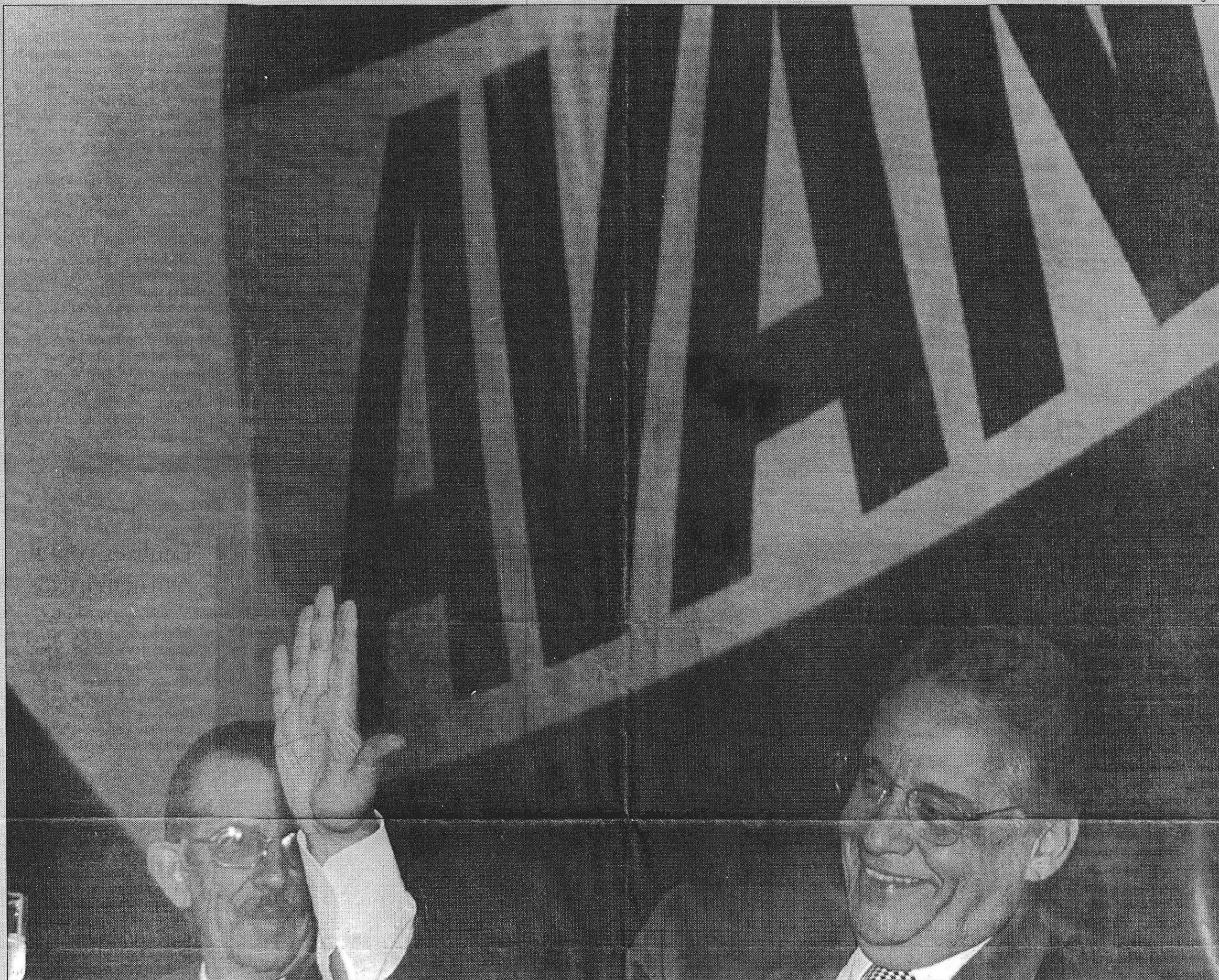


Partindo para o ATAQUE

■ Fernando Henrique reage às críticas do PT contra a área social

Geraldo Magela



FERNANDO HENRIQUE defendeu o financiamento de campanha, mas advertiu: "O País não pode sustentar partidos que vão à TV falar bobagens"

presidente Fernando Henrique Cardoso partiu ontem para o ataque aos adversários no discurso que fez, como candidato à reeleição, durante encontro com cerca de mil sindicalistas da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), da Força Sindical e da Social Democracia Sindical (SDS). O alvo principal do candidato foi o PT, que acusa o Governo de não se preocupar com os problemas sociais do País. "Com o social deles eu não me preocupo. O povo sempre sabe que com o social da demagogia, da retórica, da palavra fácil, do slogan eu não me preocupo". Também não faltaram críticas aos pequenos partidos que ocupam o horário eleitoral gratuito para provocá-lo, como o "Contra burguês vote 16" do candidato do PSTU, José Maria.

Ao defender uma reforma política, incluindo o financiamento público das campanhas, o Presidente garantiu que o País não poderá "pagar partidos que não existem" e nem "sustentar pessoas que usam legendas para fazer o que fazem na televisão, como se vê ainda hoje, vergonhosamente, para falar bobagens". Fernando Henrique condenou a ação da CUT durante a criação

do Real que, segundo ele, retirou às pressas os cartazes das ruas contra o plano, quando percebeu que deu certo. "A CUT fez isso com muita rapidez, mas fez. Errou na avaliação. Mas não foram todos que erraram, os que estão aqui acertaram na avaliação e apoiaram o plano Real", disse. Como Presidente, Fernando Henrique garantiu que "não tem receio nenhum" de conversar com representantes da CUT. "Desde que a CUT queira e não use o Presidente só como símbolo para dizer: Não ele (Presidente) não vai fazer nada", disse acrescentando que tem "boa vontade" e fala com todas as tendências sindicais. Fernando Henrique lembrou que hoje os sindicalistas estão mais próximos do Presidente do que na época do regime autoritário, quando vivia "distante do povo".

As centrais sindicais reuniram, no auditório do Parlamundi, na 916 Sul, mais de 500 sindicalistas de vários estados. Do lado de fora uma multidão aguardava um novo discurso do candidato. Um caminhão de som foi preparado como palco, mas Fernando Henrique decidiu não fazer um novo discurso. Muitos sindicalistas foram barrados na entrada do auditório, mas protestaram e conseguiram assistir de pé os discursos. O mestre de cerimônia, um radialista mineiro, comandou a festa como se fosse um rodeio, e a platéia respondia com palavras de

ordem. "Um, dois, três, Fernando Henrique outra vez".

Parlamentarismo

Cada representante das centrais sindicais entregou propostas para o programa de governo de Fernando Henrique. O presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva propôs o parlamentarismo e disse que se Fernando Henrique cumprir o que está prometendo até poderá ser o primeiro ministro. "Eu não tenho nem o segundo mandato, quanto mais qualquer outro. De público eu digo não, mas a questão para mim não é só essa. É outra. Houve um voto plebiscitário", disse. O regime parlamentar, segundo ele, só poderá ser discutido após a reforma partidária. "Nós temos que palmilhar o caminho para que a sociedade entenda que este é o melhor sistema de Governo".

Fernando Henrique explicou aos sindicalistas que o aumento do índice de desemprego é uma consequência das medidas que adotou para conter os efeitos da crise nas bolsas da Ásia. "Nós seguramos a inflação e vamos segurar o desemprego porque é nossa obrigação, é nosso dever, é nosso empenho e vamos fazê-lo". A fórmula, segundo ele, é investir, treinar mão de obra e mudar a situação do trabalhador no campo. Para ele, os desempregados também têm que tentar fazer acor-

dos coletivos para manter os postos de trabalho. E os empregadores não devem apenas investir na modernização das máquinas esquecendo dos funcionários. "O desemprego não é um problema do Governo. É um problema da sociedade", disse.

Conselho

Ainda durante o seu discurso, o Presidente propôs a reativação do Conselho Nacional do Trabalho, no Minsitério do Trabalho. "Não para manipular as centrais sindicais, mas para que lá exista um fórum de negociações das questões essenciais para o mundo do trabalho", disse. Fernando Henrique defendeu a necessidade dos trabalhadores negociarem diretamente com os empresários algumas questões como redução da jornada semanal de trabalho. "Não cabe a mim resolver isto agora". Prometeu reduzir os custos das empresas que investir no primeiro emprego de jovens.

A reforma do Estado, na opinião de Fernando Henrique, é imprescindível. "O servidor público é feito para servir ao público e não a si próprio. Muitos servem ao público, mas é preciso que fique cada vez mais claro que vão servir ao público e não a si". As entidades sindicais que representam os servidores, na sua opinião devem atuar não apenas para lutar por melhores salários, mas também para aperfeiçoar a

administração.

Entre os sindicalistas, o discurso mais agressivo foi de Enilson Simões, presidente da Social Democracia Sindical, conhecido como alemão. Deu um depoimento da miséria provocada pela seca no Nordeste e denunciou que há "vetos de natureza política" às obras de transposição das águas do rio São Francisco. Fernando Henrique garantiu que não há nenhum veto e o início das obras dependem apenas da conclusão de estudos sobre o impacto na natureza. Também pediu a criação de um fundo de aval para acesso do pequeno agricultor ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf). "Se não, o Pronaf é uma mentira". O capitalismo brasileiro, segundo ele, é "truculento".

Por fim, Fernando Henrique ouviu de Alemão que não estava ali para apenas elogiá-lo, fazendo uma crítica indireta aos discursos amenos dos seus

colegas. "Ao apoiar o senhor sabemos que o Presidente precisa de controvérsia e não de puxa-saquismo". O presidente da CGT, Enir Severino, também manifestou apoio a reeleição do Presidente e pediu mais aproximação do Governo. "Nós não queremos ser Governo", disse.

MARCIA GOMES

Repórter do Jornal de Brasília